



UM FAROL DE CABO VERDE

NEWSLETTER DA FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTINO VEIGA | Nº 13 | JULHO 2026

MENSAGEM DO PRESIDENTE



O VERDADEIRO JOGO COMEÇA AGORA

Caros amigos,

Nunca pensei escrever uma mensagem enquanto Presidente da Fundação Carlos Albertino Veiga durante um Campeonato do Mundo com Cabo Verde ainda em competição. Durante muitos anos, acompanhámos Mundiais como espectadores. Admirámos outras bandeiras, outros hinos e outras histórias. Hoje, pela primeira vez, vivemos uma emoção diferente, uma emoção onde não estamos apenas a assistir à História, e sentimo-nos a fazer parte dela.

Os antigos filósofos diziam que existem sonhos que começam muito antes de serem vistos pelo mundo. O sonho que hoje une Cabo Verde nasceu muito antes do primeiro apito. Nasceu em meses de preparação silenciosa, nos estágios, nas

reuniões, nas viagens, na procura de parceiros, na dedicação de dirigentes, treinadores, jogadores, voluntários e instituições que acreditaram que um pequeno país podia apresentar-se ao mundo com a dignidade dos grandes.

A Fundação Carlos Albertino Veiga teve o privilégio de caminhar ao lado da Federação Cabo-verdiana de Futebol ao longo desse percurso. Desde o protocolo de cooperação celebrado em 2025, passando pelo acompanhamento dos estágios de preparação, pelo apoio à organização logística, pela aproximação de parceiros estratégicos e pela criação de melhores condições para jogadores e equipa técnica, procurámos contribuir, com discrição e sentido de missão, para que a nossa Seleção pudesse concentrar-se apenas naquilo que melhor sabe fazer: representar Cabo Verde.

É com esse orgulho, mas também com enorme humildade, que vivemos cada jogo. Porque sabemos que os verdadeiros protagonistas são aqueles que entram em campo, e sabemos, igualmente, que as grandes conquistas nacionais são sempre o resultado de um esforço coletivo, onde cada contributo, por mais discreto que seja, ajuda a construir um sonho comum.

Esta edição especial não é, por isso, uma newsletter sobre futebol, mas sim uma newsletter sobre Cabo Verde. Sobre um povo que volta a descobrir a força da sua união, uma diáspora que transforma cada estádio num pedaço das nossas ilhas, uma juventude que encontra novos motivos para acreditar, e sobre um país que, por mérito próprio, está hoje a

conquistar um lugar no olhar do mundo.

Na Fundação Carlos Albertino Veiga acreditamos que os grandes momentos da vida de uma Nação só se tornam verdadeiramente históricos quando conseguem deixar marcas para além da emoção do instante. O Mundial está a dar-nos uma oportunidade rara de mostrar ao mundo quem somos, deixando uma pergunta pertinente: o que faremos com esta oportunidade? Como conseguiremos transformar esta visibilidade em mais confiança, mais turismo, mais investimento, mais oportunidades para os nossos jovens e numa projeção internacional duradoura para Cabo Verde?

Independentemente do percurso desportivo da nossa Seleção, existe já uma vitória que ninguém nos poderá retirar. O mundo está a descobrir Cabo Verde, está a descobrir um país estável, uma democracia madura, um povo resiliente, uma cultura extraordinária e uma Nação que, apesar da sua dimensão geográfica, nunca deixou de pensar em grande.

Quando o árbitro apitar para o fim do último jogo, terminará um Campeonato do Mundo, no entanto para Cabo Verde, acredito sinceramente, será apenas o início de um novo ciclo.

E a Fundação Carlos Albertino Veiga continuará, como sempre, ao lado daqueles que trabalham para que esse futuro seja construído com ambição, responsabilidade e sentido de missão.

Boa leitura.

Paulo Veiga

Presidente da Fundação Carlos Albertino Veiga



MUITO MAIS DO QUE UMA SELEÇÃO

UMA NAÇÃO SEM

FRONTEIRAS

O Campeonato do Mundo está a revelar uma realidade que Cabo Verde conhece há muito tempo e que agora o mundo, finalmente, começa a descobrir, que somos uma Nação muito maior do que o nosso território. De Boston a Brockton, de Nova Iorque a Providence, de Lisboa a Paris, de Roterdão ao Luxemburgo, das ilhas à diáspora espalhada pelos cinco continentes, milhões de cabo-verdianos vivem cada jogo como se estivessem sentados na mesma bancada. Durante estas semanas desaparecem os oceanos, encurtam-se as distâncias e suspendem-se as fronteiras. Resta apenas um país unido pela mesma

bandeira, pela mesma emoção e pelo mesmo sonho. Nos Estados Unidos, palco deste Campeonato do Mundo, vive-se um ambiente difícil de descrever por palavras. Muito antes do início dos jogos, as cidades que acolhem a nossa Seleção transformam-se em autênticos pontos de encontro da “cabo-verdianidade”. Restaurantes, hotéis, ruas, cafés e espaços comunitários enchem-se de famílias, de crianças, de emigrantes de primeira, segunda e terceira geração que encontram, no futebol, uma oportunidade para voltar a sentir Cabo Verde perto de casa. E quando chegamos aos estádios

assistimos a algo verdadeiramente extraordinário. As bancadas vestem-se de azul, as bandeiras multiplicam-se, os cânticos são de apoio à Seleção e de saudade, eo crioulo mistura-se com o inglês, o francês, o português e o neerlandês numa demonstração única de identidade, orgulho e pertença, que não se esgota no nosso povo. Cabo Verde conquistou quem assiste ao mundial e quem observa de fora percebe rapidamente que não está apenas perante adeptos de futebol, está perante um povo inteiro que encontrou naquele momento uma forma de celebrar as suas raízes.

A Fundação Carlos Albertino Veiga teve o privilégio de acompanhar parte desta caminhada ao lado da Federação Cabo-verdiana de Futebol, apoiando a preparação logística da presença da Seleção nos Estados Unidos e testemunhando, no terreno, a extraordinária mobilização da nossa diáspora. Foi impossível ficar indiferente à emoção dos reencontros, aos abraços, às lágrimas e ao orgulho com que milhares de cabo-verdianos receberam a equipa nacional.

Mais do que apoiar uma Seleção, a diáspora está a mostrar ao mundo a força de uma identidade que atravessa oceanos e permanece intacta geração após geração. Há crianças nascidas longe das ilhas que cantam o hino nacional sem nunca terem vivido em Cabo Verde. Há jovens que vestem a camisola azul com o mesmo orgulho dos seus pais e avós. Há famílias inteiras que transportam consigo a memória das ilhas, a língua, a música, os sabores e a saudade, provando que a distância nunca foi suficiente para quebrar aquilo que verdadeiramente nos une.

Poucos países podem afirmar possuir uma comunidade tão presente, tão organizada e tão profundamente ligada às suas origens, e essa continua a ser uma das maiores riquezas nacionais. Talvez tenha sido esse um dos maiores ensinamentos deste Mundial, ao reafirmarmos que Cabo Verde não termina nas suas fronteiras geográficas. Vive em cada cabo-verdiano que, onde quer que esteja, continua a levar consigo o nome, a cultura e a esperança de um país inteiro. ■



MUITO ANTES DO PRIMEIRO APITO NOS BASTIDORES DE UM SONHO

Quando milhões de cabo-verdianos viram a nossa Seleção entrar em campo no Campeonato do Mundo, poucos imaginaram os muitos meses de trabalho silencioso que tornaram aquele momento possível. Porque um Mundial não começa no dia do primeiro jogo, ele começa muito antes.

Começa na preparação, na organização, na procura de parceiros, nos estágios, nas viagens, na logística, na capacidade de antecipar problemas e encontrar soluções. Começa no trabalho invisível que quase nunca chega às televisões, mas que faz toda a diferença quando chega o momento de competir ao mais alto nível.

Foi precisamente nesse percurso que a Fundação Carlos Albertino Veiga assumiu um compromisso com a Federação Cabo-verdiana de Futebol. Através do protocolo de cooperação celebrado no final de 2025, a Fundação passou a acompanhar a preparação da Seleção Nacional, colocando ao serviço da Federação a sua capacidade institucional, a sua rede de contactos internacionais e a experiência na gestão de projetos e parcerias estratégicas. O primeiro grande desafio surgiu ainda em novembro de 2025, durante o estágio

realizado no Dubai. A Fundação esteve presente nesse momento decisivo da preparação, colaborando diretamente na resolução de diferentes constrangimentos logísticos e operacionais que poderiam comprometer o sucesso do estágio. Foi um trabalho discreto, desenvolvido longe dos holofotes, mas essencial para que jogadores e equipa técnica encontrassem as condições necessárias para se concentrarem exclusivamente na sua preparação desportiva.

Meses mais tarde, já em 2026, a Fundação voltou a apoiar a Federação durante o estágio realizado na Nova Zelândia, através de um trabalho de proximidade, através do qual se tornou possível assegurar a presença da Capelli, parceira técnica da Federação, bem como de um fotógrafo oficial que acompanhou a Seleção durante este importante período de preparação, contribuindo para reforçar a comunicação e a projeção internacional da equipa nacional.

A preparação prosseguiu em Lisboa, onde a Fundação voltou a acompanhar a comitiva nacional, reforçando o apoio institucional e organizativo numa fase decisiva antes da partida

para os Estados Unidos.

O ponto que talvez, representa um dos exemplos mais simbólicos desta parceria pode ter sido a aproximação promovida pela Fundação que permitiu estabelecer um acordo com a AVA CR7.

Graças a esta colaboração, a Seleção Nacional passou a dispor de equipamentos de recuperação muscular e física utilizados ao mais alto nível do futebol internacional, incluindo por Cristiano Ronaldo. Pela primeira vez, jogadores e fisioterapeutas cabo-verdianos tiveram acesso a tecnologia de excelência que permitiu otimizar os processos de recuperação física ao longo da preparação e da competição, colocando a nossa equipa em condições comparáveis às das maiores seleções do mundo.

Pouco antes do início do Campeonato do Mundo, a Fundação acompanhou ainda a deslocação da Federação a Nova Iorque e à região de Boston, colaborando na preparação do pré-estágio da Seleção já em território norte-americano. Tratou-se de mais uma etapa fundamental na organização logística da presença de Cabo Verde nos Estados Unidos, assegurando que a equipa encontrasse as melhores condições possíveis antes do arranque da competição.

Ao longo de todos estes meses, o trabalho da Fundação nunca procurou protagonismo, procurou apenas contribuir para que nada faltasse àqueles que tinham a responsabilidade de representar Cabo Verde dentro das quatro linhas, porque acreditamos que as grandes vitórias nunca pertencem apenas aos jogadores que entram em campo. Pertencem também a todos aqueles que, nos bastidores, acreditam no mesmo sonho e trabalham diariamente para criar as condições que permitem aos atletas dar o melhor de si.

É com esse espírito que a Fundação Carlos Albertino Veiga continuará a caminhar ao lado da Federação Cabo-verdiana de Futebol, acreditando que investir no desporto é investir na juventude, na educação, na inclusão social, na projeção internacional de Cabo Verde e na construção de um país cada vez mais confiante nas suas capacidades.

Porque um Campeonato do Mundo pode durar apenas algumas semanas, mas o trabalho que permite chegar até ele começa muitos meses antes, e é esse trabalho, silencioso, coletivo e profundamente comprometido com Cabo Verde, que também merece ser contado. ■

O MUNDIAL PODE TRANSFORMAR CABO VERDE?

QUANDO O FUTEBOL É APENAS O COMEÇO

Enquanto a bola continua a rolar nos relvados norte-americanos, uma pergunta começa inevitavelmente a ganhar espaço: poderá um Campeonato do Mundo transformar verdadeiramente um país? A resposta depende sempre do que acontece depois.

Durante estas semanas, Cabo Verde conquistou uma visibilidade internacional que dificilmente poderia ter sido alcançada através de qualquer campanha de promoção institucional. O nome do país entrou diariamente nas casas de milhões de pessoas, apareceu nas primeiras páginas dos principais meios de comunicação social internacionais e despertou a curiosidade de quem, até aqui, pouco ou nada sabia sobre as nossas ilhas, oferecendo uma verdadeira importância a toda esta projeção, e que não se mede apenas pela audiência televisiva ou pelo número de pesquisas na Internet. Neste momento, este impacto passará a ser medido pela imagem que Cabo Verde está a construir perante o mundo.

Cada reportagem transmitida, cada fotografia publicada, cada entrevista concedida e cada bandeira azul nas bancadas está a contribuir para afirmar um país democrático, estável, seguro, acolhedor e capaz de competir ao mais alto nível. Num contexto internacional onde a reputação se tornou um dos maiores ativos das nações, poucos acontecimentos têm a capacidade de fortalecer uma marca-país como um Campeonato do Mundo.



É precisamente por isso que o futebol deixa de ser apenas futebol, passando a ser diplomacia, promoção económica, cultura, turismo, confiança, e uma poderosa ferramenta de desenvolvimento.

A experiência internacional demonstra que os países que conseguem transformar grandes momentos desportivos em estratégias de longo prazo são aqueles que retiram os maiores benefícios dessas conquistas.

O verdadeiro sucesso não está apenas na participação ou nos resultados alcançados em campo, passando a estar na capacidade de aproveitar a atenção do mundo para criar novas oportunidades de investimento, fortalecer o turismo, valorizar a cultura, promover a economia, apoiar a

juventude e consolidar a imagem internacional do país.

Este será agora o nosso verdadeiro desafio enquanto Nação e, enquanto Fundação, acreditamos que este momento deve servir para mobilizar instituições, empresas, universidades, associações e toda a sociedade civil em torno de uma visão comum para Cabo Verde. O Mundial pode ser muito mais do que uma página memorável da nossa história desportiva, podendo tornar-se um acelerador de desenvolvimento, um ponto de encontro entre talento e oportunidade e um catalisador de novas parcerias capazes de gerar valor para o país durante muitos anos.

Ao longo desta caminhada, a Fundação Carlos Albertino

Veiga teve o privilégio de acompanhar de perto a preparação da nossa Seleção e de testemunhar o profissionalismo, a dedicação e o espírito de missão de todos aqueles que contribuíram para tornar possível esta presença histórica. Essa experiência reforçou uma convicção que hoje se torna ainda mais evidente que quando existe visão, cooperação e capacidade de trabalhar em conjunto, Cabo Verde consegue competir ao nível dos melhores.

O Mundial está a mostrar ao mundo quem somos, e agora cabe-nos decidir quem queremos ser depois de as luzes desta competição se apagarem. Porque as maiores vitórias de uma Nação não terminam quando termina um jogo, elas começam precisamente nesse momento. ■

VOZINHA

Nunca é tarde para escrever um conto de fadas



Ao escrevermos estas linhas, relembramos os momentos que parecem nascer para recordar aos povos que os sonhos não conhecem idade, não obedecem a calendários e não terminam quando alguém, de fora, decide que já passou o nosso tempo.

Josimar José Évora Dias, conhecido por todos como Vozinha, é uma dessas histórias.

Entrou neste Mundial sem clube, com uma carreira longa, discreta e feita longe dos grandes holofotes internacionais. Dedicou uma vida inteira ao futebol e chega ao maior palco do mundo quando muitos julgariam que já se aproximava o fim do seu percurso. Aos 40 anos, olha de frente para alguns dos melhores

jogadores do planeta sabendo que, muitas vezes, é a última barreira entre um país inteiro e a derrota.

E foi talvez precisamente aí que nasce a grandeza deste conto de fadas.

Vozinha não chega ao Mundial como uma estrela fabricada pela fama. Chega como chegam os homens que resistem, com trabalho, fé, disciplina, humildade e amor à camisola nacional. Com redes sociais modestas, uma história feita de persistência e uma vontade profunda de honrar as cores de Cabo Verde.

A cada defesa, não está apenas a proteger uma baliza, está a proteger uma esperança, a dizer aos jovens que os caminhos difíceis também chegam longe, e a lembrar aos mais velhos que nunca é tarde para cumprir um sonho. O mundo assiste à demonstração de grandeza na serenidade, na coragem silenciosa e na dignidade de quem nunca desistiu.

Enquanto milhões de pessoas estão a descobrir Cabo Verde através das suas defesas, descobrem também os valores que ele representa, valores de resiliência, liderança, simplicidade e uma extraordinária capacidade de permanecer firme quando tudo à sua volta parece maior.

Para a Fundação Carlos Albertino Veiga, os maiores exemplos nem sempre são aqueles que levantam mais troféus. São aqueles que inspiram outras pessoas a acreditar que também podem chegar mais longe.

Este mês, o nosso Orgulho Nacional é Vozinha. Porque há homens que defendem balizas, e há homens que defendem sonhos.

Vozinha está a fazer as duas coisas. ■

UM FAROL DE CABO VERDE



2021 Década das Nações Unidas
2030 da Ciência Oceânica para
o Desenvolvimento Sustentável



SOBRE A FUNDAÇÃO

A Fundação Carlos Albertino Veiga tem como missão promover o desenvolvimento social e económico de Cabo Verde, com base nos valores de solidariedade e empreendedorismo, contribuindo para um futuro mais justo para todos os cabo-verdianos.

PARTNERS:



SPONSORS:

